

O PREDICATIVO E O ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA GERATIVA

THE PREDICATIVE AND GRAMMAR TEACHING AT SCHOOL: CONTRIBUTIONS OF GENERATIVE THEORY

Hermito Leite de Carvalho Filho

hermitofilho@ufpi.edu.br

Professor Adjunto da Coordenação do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Piauí e Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Sandra Quarezemin

quarezeminsandra@gmail.com

Professora Associada do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CNPq-ID, processo 316375/2021-7.

RESUMO

A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1998 representou uma grande mudança para o ensino de língua portuguesa no Brasil, no entanto, não deixou claro como o ensino de gramática deve ser aplicado quando conjugado com o ensino do texto, tendo neste último seu foco principal. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2018, também manteve o foco em uma perspectiva enunciativo-discursiva centrada no ensino do texto. Esses documentos serviram como mote para que muitos professores de língua portuguesa colocassem em xeque o ensino de gramática na escola, com propostas que vão desde uma revisão da gramática normativa ou até mesmo seu total abandono. A ideia neste trabalho é defender o ensino de gramática que incentiva o aluno a ser um investigador da língua que usa, um ensino científico da gramática. Esta proposta está inserida no âmbito da Gramática Gerativa, especificamente no método do dado negativo (Chomsky, 1957), tendo o sintagma como centro de análise. O conteúdo específico a ser analisado é o predicativo. A metodologia da gramática tradicional, por meio de perguntas do tipo *[o que]* ou *[quem]* para delimitar sujeitos e predicados, limita o aluno a refletir sobre gramática de uma forma mecanicista, não natural. Seguindo os preceitos gerativos, a metodologia do dado negativo faz com que os alunos trabalhem com ferramentas de distinções sintáticas e semânticas que demonstram a diferença nos predicados. Este trabalho é dedicado principalmente a professores de língua portuguesa e a estudantes de graduação em letras.

Palavras-chave: ensino de língua portuguesa; gramática gerativa; método negativo; sintagma; predicativo.

ABSTRACT

The National Curriculum Parameters publication in 1998 represented a change for Portuguese teaching in Brazil, however, it did not make clear how grammar teaching should be applied when combined with text teaching, the main focus is in this latter. The Common National Curriculum Base, from 2018, also maintained the focus on an enunciative-discursive perspective centered on the text. From these documents, many teachers questioned the teaching of grammar at school, some of them thought about reviewing traditional grammar while others wanted to abandon it altogether. The idea in this work is to defend the teaching of grammar that encourages the student to be an investigator of the language which they use, a scientific teaching of grammar. This proposal is within the scope of the Generative Grammar, specifically the negative data method (Chomsky, 1957), with the phrase as the center of analysis. The specific content to be analyzed is the predicate. The methodology of traditional grammar, using questions like [what] or [who] to delimit subjects and predicates, limits the student to reflect on grammar in a mechanistic, unnatural way. Following generative precepts, the negative data methodology that makes the student work with syntactic and semantic distinction tools that demonstrate the difference in predicates. This work is dedicated mainly to Portuguese teachers and undergraduate students.

Keywords: *portuguese language teaching; generative grammar; negative method; phrase; predicative.*

INTRODUÇÃO

A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1998 representou uma mudança nos rumos do ensino de língua portuguesa, saímos do foco do ensino de regras da gramática normativa para a aprendizagem da escrita e da leitura; foco no texto através de uma abordagem enunciativo-discursiva da linguagem, notadamente através dos estudos de linguística textual e dos gêneros textuais, bem como, em muitos casos, a língua falada e as diferentes variedades linguísticas passam a fazer parte do ensino; é a linguística contribuindo para o ensino, um grande avanço!

Embora seja um bom reconhecimento da ciência fazendo parte do ensino, relegou-se o ensino de gramática a segundo plano, ou até mesmo seu total abandono, conforme algumas correntes. Tal como ocorreu com a interpretação da NGB na década de 1950, os PCNs também direcionam o ensino como um caminho de via única, o texto, isso porque, na prática, os PCNs não orientam o que fazer com a gramática sobre a reflexão dos seus dois eixos norteadores do ensino: USO – REFLEXÃO LINGUÍSTICA (Vicente; Pilati, 2012).

Já a BNCC (2018), apesar do foco central no ensino do texto e de não especificar que tipo de gramática devamos abordar, faz ênfase na comparação da norma-padrão com o português brasileiro coloquial, bem como em seu (EM13LP08) lança luz quanto ao ensino de sintagma em sala de aula, vê-se aqui “fagulhas” para o ensino da gramática natural na educação básica.

Pires de Olivera e Quarezemin (2016) defendem que a sala de aula de língua(s) pode ser um laboratório de ciência que não exige muito além de caderno, caneta e intuição de falantes. Nesse sentido, é preciso levar em conta que o aluno já chega em sala de aula com uma gramática internalizada, um sistema linguístico que possui um caráter diferente da noção normativa de gramática. Essa gramática internalizada corresponde à visão naturalista da linguagem, que tem em Noam Chomsky seu principal representante. A criança, independentemente da escola, adentra nesta com um conhecimento linguístico já bem formado, ao que chamamos

competência linguística. Todos esses termos remetem ao que a Gramática Gerativa denomina como língua – I (gramática interna)¹.

Na prática, a competência linguística e/ou gramática interna funciona como (1) abaixo:

1) a. A Maria acha eu bonito².

b. *A Maria eu acha bonito³.

Imagine o professor fazer esse teste com alunos ingressantes no ensino fundamental. Provavelmente todos julgarão (1a) como gramatical e (1b) como agramatical. É o conhecimento prévio de gramática do qual o aluno já possui, inato ao ser humano, que possibilita esse tipo de julgamento.

A intuição do aluno diz que o que ocasiona a agramaticalidade de (1b) é a presença de dois sintagmas disputando a posição de sujeito na posição pré-verbal, o fenômeno da distribuição complementar⁴. Já a intuição de (1a) não apresenta distribuição complementar, pois há duas posições de sujeito disponíveis, uma na sentença plena matriz [A Maria] e outra dentro de uma minioração (*small clause*⁵) [eu], em uma relação de predicação do tipo [SUJEITO... PREDICADO] sem a realização de uma flexão verbal.

A partir desse raciocínio, pense em uma situação de escrita mais rebuscada, como na estrofe clássica de Gregório de Matos em (2) abaixo:

2) “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,

Depois da Luz se segue a noite escura,

Em tristes sombras morre a formosura,

Em contínuas tristezas a alegria.”

O aluno que chega ao 1º ano do ensino médio sem ter refletido estrutura sintática no ensino fundamental vai ter enormes dificuldades com textos clássicos. A estrofe é toda carregada de sujeito posposto, e não se trata apenas de estilo literário, a gramática interna do aluno também faz as mesmas inversões, cabe ao professor, na prática, conscientizá-los com dados reais da língua. Além disso, há efeitos de sentido significativo, imagine o primeiro verso na ordem direta, não dá o mesmo resultado. E quanto ao uso da vírgula ainda no primeiro verso; o uso da conjunção “e” com valor adversativo; a elipse verbal no quarto verso etc.

1 - Chomsky (1994) faz um recorte crucial que delinea o objeto de estudo da gramática gerativa: Língua-I e Língua-E. A Língua-I corresponde à dimensão mental/subjetiva do fenômeno linguagem, em que “I” significa interno, individual e intensional (com “S” mesmo); já a Língua-E remete à dimensão objetiva, sociocultural, em que “E” quer dizer externa e extensional. À gramática gerativa cabe o estudo da Língua-I.

2 - Embora a sentença seja considerada “errada” pela gramática tradicional, os falantes do português brasileiro usam frequentemente este tipo de frase.

3 - O símbolo (*) significa que a sentença é agramatical.

4 - A técnica da distribuição complementar foi cunhada por Jackendoff (1972), muito utilizada na tipologia linguística, bem como na gramática gerativa. Essa técnica implica dizer que dois ou mais elementos linguísticos de mesma categoria/classe/função não podem coocorrer na mesma posição sintática (ou sentença), como em (i) e (ii) abaixo:

(i) * O este livro o João leu.

(ii) * O João provavelmente tinha aparentemente esquecido o caminho.

A impossibilidade de (i) mostra que os determinantes *o/este* ocupam a mesma posição sintática, são núcleos de sintagmas determinantes; (ii) é agramatical porque há dois advérbios de mesma classe semântica (advérbios epistêmicos) na sentença, e eles não podem aparecer juntos em ordem nenhuma.

5 - O termo *small clause* (minioração no português), difundido a partir de Williams (1975), corresponde a uma estrutura de predicação do tipo [SUJEITO...PREDICADO] sem a realização de flexão verbal, como mostra a derivação em (i) e (ii) abaixo:

(i). A Mariai é [SC ti ... bonita].

(ii). O João acha [SC a Maria... bonita].

Em (i) e (ii), temos *small clause* com verbo de alçamento e com verbo de Marcação Excepcional de Caso (ECM) respectivamente. No caso de (ii), como o adjetivo não é um atribuidor de Caso, cabe ao verbo atribuir Caso acusativo ao sujeito da *small clause*. Esse fato justifica o [EU] dentro da *small clause* de (1a). A criança com o tempo descobre que há outros pronomes no léxico do PB para Caso acusativo, como ME e SE, e começa a mudar o preenchedor do sujeito. No entanto, os clíticos de terceira pessoa como O e A não estão mais disponíveis no léxico do PB, por isso o aluno tem dificuldades em aprendê-los na escola, pois o pronome disponível é ELE ou ELA, por isso produzem frases como “A Maria acha ELE bonito”

Enfim, é difícil pensar que o aluno aprenda tudo isso apenas produzindo e interpretando textos! É preciso que o aluno aprenda a refletir sobre a sua própria língua com base na gramática disponível no seu dia a dia; ser capaz de raciocinar, julgar e, principalmente, aprender a (des/re) construir gramáticas. E, esse processo precisa de reflexão linguística em momentos distintos do ensino do texto, para só depois coaduná-los (Kenedy, 2013).

O objetivo principal deste texto é refletir sobre o **predicativo**, a fim de trabalhá-lo em sala de aula sem recorrer ao ensino mecanicista da gramática tradicional, visto que o aluno já tem o conhecimento prévio/natural do que é o predicativo, como visto em (1), por isso é preciso conscientizá-lo a respeito de dois pontos: (i) a gramática que ele já sabe; (ii) o que ele precisa saber para avançar no mundo da escrita, capaz de galgar por um letramento efetivo nos mais variados gêneros textuais, como em (2).

Para alcançar tais objetivos, o trabalho está organizado da seguinte forma: a primeira seção procura municiar o professor sobre a Teoria Gerativa e o método do dado negativo; a seção seguinte foca na urgência de implementação da noção de sintagma na educação básica; a última seção apresenta uma aplicação do método negativo associado à noção de sintagma com relação ao ensino do predicativo.

A GRAMÁTICA GERATIVA E O MÉTODO NEGATIVO

A Teoria Gerativa constitui-se como um programa de investigação eminentemente teórico e epistêmico dentro da linguística. Lida de forma direta com a competência linguística do falante e procura investigar a gramática internalizada na mente/cérebro do indivíduo. Dessa forma, a gramática com a qual a Teoria Gerativa trabalha não se confunde com a Gramática Tradicional (GT) prescrita em compêndios gramaticais, mas sua empiria pode contribuir para o ensino de gramática na escola. Um bom exemplo inicial pode ser visto em (3) e (4) abaixo:

- 3) a. A Maria parece furiosa.
 - b. *A Maria é parecedora.
- 4) a. A Maria trabalha estressada.
 - b. A Maria é trabalhadora.

A metodologia do dado negativo inserido por Chomsky na Gramática Gerativa (GG) constitui-se como uma das principais ferramentas para a análise empírica das línguas naturais. É importante observar que a GT, de certa forma, também capta essas relações, porém, não há uma metodologia de “aferição”, apenas impõe ao aluno que ele ‘decore’ a classe de verbos, *ligação* e *significativos*, neste caso. Não é à toa que quando o aluno se depara com sentenças do tipo (3a) e (4a) ele tem dificuldades de discernir sobre a transitividade verbal. Ao usar a ferramenta única da GT, o aluno terá que classificar *furiosa* em (3a) como um *objeto direto*, pois ele terá que perguntar “*a maria parece o quê?*”. Ao usar a ferramenta do dado negativo da GG, uma simples derivação verbal com o sufixo agentivo {-or} demonstra ao aluno que se trata de verbos com naturezas semânticas diferentes, por isso a má-formação do verbo *parecer* em (3b) contra a boa formação de *trabalhar* em (4b), quer dizer, um teste morfológico faz o aluno perceber uma diferença semântica dos verbos, sujeito [-agente] em (3) e [+agente] em (4). O que está subjacente às duas sentenças é a noção de predicação, *parecer* não possui propriedades de atribuir papel temático a argumentos presentes na sentença, enquanto *trabalhar* possui, por isso dizemos que *parecer* é um verbo *funcional*, enquanto *trabalhar* é um verbo *lexical*, ou seja, é preciso deixar claro quando se fala de sintaxe e quando se fala de semântica na análise de uma sentença. Esta parece ser a melhor ferramenta para distinguir predicado verbal de predicado não-verbal (predicado nominal na GT) para que se possa compreender o papel do predicativo nas sentenças do português.

Um teste sintático usando o complementador⁶ [*que*] amplia o leque de julgamento gramatical por parte do aluno, como em (5a) e (5b) abaixo. Esse teste agora mostra julgamentos invertidos comparados a (3) e (4), e dá suporte ao aluno para fazer reflexões gramaticais com mais propriedade e, assim constatar que o predicativo [*furiosa*] é o único predicador (semântica) presente em (3a) acima, mas dois predicadores em (4) acima, nos termos de Foltran (1999), predicado primário e predicado secundário respectivamente (esses termos são explicados mais à frente).

5) a. A Maria parece [*que está furiosa*].

b. *A Maria trabalha [*que está estressada*].

Dessa forma, a GG proposta por Chomsky lida exclusivamente com a Língua-I, procura verificar empiricamente a língua independentemente da Língua-E, ou seja, compreender a gramática de uma língua do ponto de vista interno, apoiando-se principalmente no dado negativo (Oliveira, 2010). Esse dado negativo corresponde aos julgamentos de gramaticalidade *versus* agramaticalidade, conforme os dados acima, quer dizer, internamente o falante proíbe dados como (3b) e (5b), pois, internamente, essas regras gramaticais não estão disponíveis para o Português Brasileiro (PB) e, o mais interessante, o aluno sabe disso, ele só ainda não sabe que é o melhor conhecedor de gramática que existe, eis aí o papel do educador, trazer à tona esse conhecimento.

Nessa lógica, o que o método negativo ou método de (a)gramaticalidade proposto por Chomsky quer dizer é: é possível entender a gramática de uma língua olhando apenas para a sua natureza interna, basta olhar para as restrições ou violações gramaticais, ou seja, restrições de ordem fonológica, morfológica, sintática ou semântica.

É lógico que Chomsky tem consciência de que o falante não produz frases agramaticais, ele apenas utiliza o método negativo para entender a derivação das línguas naturais utilizando sistemas formais, ou seja, a proposta de Chomsky é buscar a especificidade da linguagem humana também através das restrições que elas apresentam e, assim, explicar as estruturas gramaticais nas línguas naturais.

Esse método do dado negativo é de cunho introspectivo, porque verifica o julgamento do falante sobre as sentenças de sua língua. O falante sabe que as sentenças agramaticais vistas até aqui não pertencem à sua língua-I. O que o falante não sabe é como ele sabe, ou seja, ele não sabe explicar aquilo que lhe inato⁷.

No caso da escola, a imagem de língua inata ao aluno passa batido, os materiais didáticos bem como professores passam a ideia de que a língua que o aluno traz de sua vivência não é língua, isso cria uma imagem artificial da língua, e aprender português é como aprender uma língua estrangeira, “jogue o que você fala fora e aprenda o que está prescrito”, essa é a imagem construída no ensino.

Inserir o ferramental teórico do dado negativo no ensino de gramática na escola é uma excelente oportunidade de fazer o aluno reconhecer o potencial inato que o constitui como ser humano, além de, conforme Honda e O’neil (1993), faz o aluno pensar linguisticamente, ou seja, desperta no aluno a capacidade e a habilidade do fazer ciência. Para que se possa fazer um trabalho efetivo com o dado negativo, faz-se urgente a introdução da noção de sintagma na sala de aula, tema do próximo tópico.

6 - Na gramática gerativa, complementizador (ou complementador) é o nome dado aos elementos que servem como ponte para conectar as sentenças, como em (i) e (ii):

(i) João disse **que** Maria saiu.

(ii) João perguntou **se** Maria saiu.

7 - O inatismo corresponde às atividades *linguísticas*, naturais e corriqueiras presente na vida de qualquer ser humano, o mesmo que competência linguística. Além dessa atividade, Franchi (1991) ainda atribui mais duas, essenciais para aplicação ao ensino: *epilinguísticas* e *metalinguísticas*. As *epilinguísticas* correspondem aos testes de (a)gramaticalidade que estamos empreendendo neste trabalho e as *metalinguísticas* são os termos com os quais o aluno vai operar para entender determinados fenômenos, como sujeito e predicado.

NOÇÃO DE SINTAGMA, DIÁTESE VERBAL E RELAÇÕES DE PREDICAÇÃO

Kenedy (2013) defende a ideia de trabalhar a noção de sintagma na educação básica, e faz todo o sentido, do contrário continuar-se-á fazendo apenas GT. Uma boa didatização de como trabalhar essa noção pode ser vista no quadro I abaixo:

Quadro I - Sintagma

SINTAGMA			
Operações sintáticas	Tipos de sintagma	Funções sintáticas	Papéis temáticos
Pronominalização	Verbal – SV	Sujeito	Agente/experienciador
Topicalização	Nominal – SN	Predicado	Tema/paciente
Clivagem	Adjetival – SA	Complemento	Benefactivo/locativo
Interrogação	Preposicional – SP	Adjunto	Alvo/origem/instrumento

Fonte: Este quadro é uma adaptação do texto de Kenedy (2013), elaborado pelos autores.

O primeiro passo para compreender a noção de sintagma deve ser iniciado pelas operações sintáticas⁸, pois elas são ferramentas fundamentais para a compreensão da estrutura interna da sentença, como em (6) abaixo:

- 6) a. O irmão da Maria acha a menina de cabelos longos bonita.
 b. [Ele] acha a menina de cabelos longos bonita.
 c. O irmão da maria acha [ela] bonita.

Em (6b), a ferramenta da *pronominalização* demonstra que o pronome substitui o sintagma inteiro [*o irmão da Maria*] na função de sujeito e não apenas o nome [*irmão*], ou seja, esse teste desmistifica a definição de pronome estabelecida nas GTs como o termo que substitui o nome, na realidade o pronome substitui um constituinte. Em (6c), o pronome substitui outro sintagma inteiro [*a menina de cabelos longos*] na função de objeto direto. Neste último caso é interessante perceber que o predicativo não consegue ser encapsulado pelo pronome, indicando que [*bonita*] não pertence ao sintagma. Aqui há uma primeira amostragem de que *predicativo* (o adjetivo *bonita*) e *adjunto adnominal* (o adjetivo *longos*) apresentam diferenças em termos sintagmáticos, eles não podem pertencer ao mesmo constituinte.

Uma boa didatização capaz de capturar essa diferença pode ser vista na fórmula proposta por Mito e Quarezemin (2011) em (7) abaixo:

- 7) a. O adjetivo é predicativo (Pred) se NÃO pertence ao SN: Pred \notin ao SN.
 b. O adjetivo é adjunto do nome (AN) se pertence ao SN: AN \in ao SN.

Para os mais afeitos com a análise de (6), esse tipo de análise é trivial, mas para o aluno que está dando os primeiros passos na educação básica, não. A sentença (6a), analisada pelo viés da GT torna-se um ‘tormento’, o aluno se depara com uma sequência no predicado do tipo *verbo-substantivo-preposição-substantivo-adjetivo-adjetivo* que o deixa de “cabelo em pé” no momento de discernir sobre a finalidade de cada adjetivo na frase. Entretanto, a proposta aqui é começar a inserir a noção de sintagma desde os primeiros passos no ensino fundamental, e veja que o teste da *pronominalização* mostra ao aluno exatamente quais categorias se juntam e quais ficam separadas. E mais, a ideia é trabalhar várias operações a fim de tornar o aluno hábil na delimitação de sintagmas, como a *clivagem* em (8a), a *topicalização* em (8b) e a *interrogação* em (8c) abaixo, para ficarmos apenas nestas:

8 - As definições das operações sintáticas são bem divulgadas em livros introdutórios de sintaxe gerativa, como Mito et al (2013) e Kenedy e Othero (2018) entre outros.

- 8) a. É [a menina de cabelos longos] que o irmão da Maria acha _____ bonita.
 b. [A menina de cabelos longos], o irmão da maria acha (ela) bonita.
 c. O irmão da Maria acha [quem] bonita?

Assim, a finalidade das operações sintáticas é fazer com que o aluno reconheça os constituintes que estão presentes na sentença, na forma de conjuntos, e mais, demonstra as várias estratégias discursivas que o aluno tem para interpretar e construir textos, bem como um auxiliar no uso da pontuação (Tescari Neto, 2017). Então, um sintagma corresponde a um conjunto de palavras (e conjuntos podem ser vazios ou unitários) que representa uma estrutura de constituintes de natureza gramatical. Após o aprendizado dessa manipulação das operações sintáticas, é chegado o momento de compreender que os sintagmas são constituídos por núcleos – V, N, A e P – e, por fim, o aprendizado das funções sintáticas, conforme a sequência apresentada no quadro I.

O quadro das funções sintáticas esboçado acima, segundo Kenedy (2013) corresponde a uma simplificação da enxurrada de funções sintáticas estabelecidas pela GT que, além de misturar conceitos sintáticos e semânticos, atrapalham mais do que ajudam o aluno. A ideia de classificação das funções sintáticas pode ser resumida da seguinte forma: (i) predicado verbal e não-verbal; (ii) complemento verbal e não-verbal e (iii) adjunto verbal e não-verbal⁹.

Sendo assim, além de manipular as operações sintáticas, reconhecer as funções que os sintagmas exercem na estrutura e lidar com as categorias V, N, A e P, é preciso também lidar com os papéis temáticos, uma noção de natureza semântica, conforme quadro I.

Esse fator semântico também precisa fazer parte do ensino, pois, se tudo o que o falante soubesse fosse o significado individual das palavras que compõem as sentenças, não seria capaz de diferenciar seus significados, como em (9) abaixo:

- 9) a. O policial matou o bandido.
 b. O bandido matou o policial.

Dessa forma, o significado de uma sentença não é determinado apenas pelo significado de suas palavras, mas também por sua estrutura gramatical. Em (9), as regras sintáticas do português determinam qual é o *sujeito* e qual é o *objeto* na sentença. Essa estrutura gramatical está relacionada à estrutura argumental do verbo (papel temático) que por sua vez, determina quem é o *agente* e quem é o *paciente* de *matou* nas sentenças de (9).

É possível capturar essa relação de papel temático de acordo com a valência verbal. Conforme Perini (2010), a valência de um verbo corresponde às possibilidades de construção que um verbo pode apresentar, a diátese verbal. Na prática, a diátese verbal funciona como em (10) abaixo:

- 10) a. O João achou a prova difícil.
 b. O João achou a prova.

O sentido de *achar* é diferente em (10), *avaliativo* em (10a) e com sentido de *encontrar* em (10b), isso significa que *achar* em (10) apresenta duas diáteses, ou seja, duas construções: (i) uma diátese predicativa em (10a) e uma diátese transitiva canônica em (10b). Perceba que é o predicativo em (10a) o responsável por esse tipo de predicação, ou seja, o predicativo é eminentemente um predicador.

Isso implica dizer que toda sentença gira sempre em torno do núcleo V, ou dito de outra forma, todo predicado apresenta um verbo, no entanto, ele nem sempre é o predicador principal, como também mostra (11) abaixo:

9 - A simplificação resume-se da seguinte forma: a *complementação* é um fenômeno único, os tipos de complementos são idiosincrasias relacionadas ao tipo de verbo ou ao nome, portanto, a descrição se resume a complementos verbais e não verbais, como em "João viu o jogo"; "João assistiu ao jogo"; "João foi ao jogo" e "O fumo é prejudicial à saúde. Para o adjunto vale a mesma lógica, adjuntos verbais e não verbais, como em "Que livro de sintaxe João comprou" em que há dois adjuntos não verbais. Já em "Não leio quando a luz está fraca" há dois adjuntos verbais, o não e a oração "quando a luz está fraca".

- 11) a. O João *comprou um carro*.
 b. A Maria *é bonita*.
 c. A Maria *é uma gata*.
 d. A Maria *é de Teresina*¹⁰.

A velha lição das GTs coincide com a ideia do princípio das línguas *bimembres*, quer dizer, o predicado corresponde ao conjunto de todos os constituintes de uma frase, com exceção do sujeito (e do vocativo), ou seja, sujeito de um lado, predicado do outro. No entanto, o termo predicado nominal não é adequado, tendo em vista que os predicados de (11b) a (11d) não são obrigatoriamente nominais, mas também adjetivais e preposicionais, por isso a nomenclatura predicado não-verbal é mais adequada a esses termos (Kenedy e Othero, 2018).

A partir daqui é preciso deixar claro a diferença entre predicado e predicador para evitar algumas confusões.

Em (11a) o predicado corresponde a todo o constituinte destacado e o verbo *comprar* é o núcleo do predicado; além disso ele é o predicador da sentença, pois atribui papel temático de agente ao sujeito e papel temático de tema/paciente ao complemento, ou seja, predicado e predicador coincidem, esse fato configura um verbo *lexical*.

Nas sentenças de (11b) a (11d) o predicado também corresponde a todos os constituintes destacados, porém, o predicador não é o verbo, mas sim as categorias A, N e P respectivamente, por isso o termo verbo *funcional*, pois não é o verbo que atribui papel temático ao sujeito, tal como ocorre em (3a) e (5a).

Veja que é contraintuitivo dizer que toda sentença tem um verbo (oração) e querer negar que nas sentenças de (11b) a (11d) o verbo não faça parte do predicado. O verbo faz parte do predicado, é um SV, mas com outras finalidades sintáticas (concordância) e semânticas (aspecto), portanto é um predicado não-verbal por não coincidir com predicador.

Logo, o que configura um predicado verbal é a presença de um verbo lexical, e o que configura a presença de um predicado não-verbal é a presença de um verbo funcional, pois o predicador é uma outra categoria. Dessa forma, nas sentenças de (11b) a (11d) estamos às voltas de um predicativo (A, N e P), assim como em (10a); em ambos os casos, estamos diante de uma relação de *predicação primária*, pois o predicativo é o responsável pela atribuição do papel temático, ainda que o verbo em (10a) selecione um complemento (o conhecido predicado verbo-nominal), em todas essas sentenças estamos diante de uma minioração, uma relação de predicação do tipo [SUJEITO...PREDICADO].

Carvalho Filho (2015), ao analisar as posições sintáticas que o predicativo ocupa na sentença, constatou que nas sentenças (10a) e nas sentenças de (11b) a (11d), o predicativo ocupa uma posição de *complemento* em relação ao verbo justamente por constituírem uma minioração, uma predicação primária, porém, nas demais estruturas, o predicativo ocupa uma posição de *adjunto* em relação ao verbo, uma relação de *predicação secundária*, como mostra o quadro II abaixo apenas com adjetivos:

10 - A GT não reconhece os sintagmas preposicionados como predicativo nas sentenças com verbos de ligação, sempre o associam a uma versão intransitiva do verbo e o sintagma preposicional como adjunto adverbial. A nosso ver é uma propriedade de alguém ser de algum lugar ou estar em algum lugar, portanto, predicativo.

Quadro II-Posição sintática do predicativo

Posição do predicativo: predicados primários e predicados secundários		
Predicado primário (complemento)	Predicados secundários (adjunto)	
	Orientado para o sujeito	Orientado para o objeto
12) a. A Maria é bonita.	c. A Maria trabalha estressada.	e. O João encontrou a Maria doente.
b. O João acha a Maria bonita.	d. A Maria chegou estressada.	

Fonte: Carvalho Filho (2015, p. 83).

(12c) e (12d) apresentam os chamados verbos intransitivos¹¹ da GT, eles são os principais atribuidores de papel temático, portanto, são predicadores primários, enquanto o adjetivo corresponde a um predicador secundário, basta fazer um teste bem simples apagando o predicativo, mas experimente retirar o verbo, a sentença ficará agramatical. Em (12e), ao contrário do que se mostrou em (10a), o apagamento do predicativo não ocasiona mudança de diátese do verbo, logo, esse predicativo não é um predicador primário como em (10a), apesar de também predicar sobre o objeto direto, ou seja, o predicativo é um predicador secundário em (12e)¹².

A ideia principal a ser captada pelo professor é a de que o predicativo é um predicador, e isso tem que ficar bem claro para o aluno. Não há necessidade de se levar ao extremo a ideia de complemento ou adjunto, mas sim o reconhecimento de predicados verbais e não-verbais, bem como as relações de predicado primário e secundário, pois essas relações estabelecem significâncias diferentes quando inseridas no texto.

O PREDICATIVO E O ENSINO DE GRAMÁTICA

O objetivo principal nesta seção é elaborar um modelo didático que sirva como orientação ao professor sobre as ferramentas metodológicas da Teoria Gerativa sobre como abordar o predicativo em sala de aula. O objetivo centra-se na reflexão linguística, momento em que o ensino da frase ganha vida própria (Kenedy, 2013). A ideia é fazer com que o aluno comece a raciocinar linguisticamente e aprenda a manipular as sentenças com propriedade técnica e, principalmente, ter conhecimento subjetivo de sua gramática, conforme iniciado em (1), para que possa evoluir na língua escrita. O propósito é abordar o tema predicativo de maneira abrangente, cabe ao professor fazer o recorte necessário de acordo com o nível em que o estudante se encontra, fundamental ou médio.

Apesar da classificação feita no quadro II quanto à posição sintática, a abordagem será guiada pela classificação tradicional de predicativo do sujeito e predicativo do objeto, mas sempre levando em conta a ideia do predicativo como predicador, bem como as noções de predicado verbal e não-verbal.

Vale a pena iniciar pelas sentenças que constituem a visão mais notória de predicação primária, ou seja, as construções que envolvem o predicado não-verbal (verbos de ligação - VIs).

11 - Na GG os verbos intransitivos apresentam uma subdivisão: intransitivos (inergativos) e inacusativos. Os intransitivos apresentam sujeitos com características [+agentivas], portanto, têm sujeito semântico; os inacusativos apresentam sujeitos com características [-agentivas], portanto, têm objeto semântico. Neste último caso o verbo não consegue atribuir acusativo ao objeto e o único Caso disponível é o nominativo.

12 - Ao comparar as sentenças (12b) versus (12e), ainda que ambas apresentem predicativo do objeto, vamos perceber mais adiante que elas apresentam propriedades diferentes para o predicativo, predicado primário e predicado secundário respectivamente (seguindo Foltran (1999)). Há problemáticas teóricas ainda em aberto quanto às relações de predicado secundário, mas as diferenças sintáticas e semânticas são suficientes para nossos objetivos. Outro fato importante é que a GT não estabelece uma posição sintática para o predicativo, seja predicativo do sujeito ou predicativo do objeto.

Uma boa ferramenta para trabalhar as sentenças predicativas com VIs pode ser vista na ideia dos hipônimos do verbo *ser* com relação à semântica modal e aspectual desses verbos. Segundo Macambira (1997, p. 148) “o verbo *ser* é o verbo de ligação puro, é o verbo de ligação por excelência, por conseguinte, o mais esvaziado; os seus congêneres, ditos impuros, de certa maneira o contêm”. Assim, o quadro III abaixo é um bom guia inicial:

Quadro III-Verbos de ligação

SER – hiperônimo			
Hipônimos			
Essenciais	Exemplos	Acidentais	Exemplos
Estar = ser passageiramente	Estamos contentes.	Andar = ser presentemente	Andas atarefado.
Ficar = ser durativamente	Fiquei alegre.	Virar = ser repentinamente	Virou maluco.
Parecer = ser aparentemente	Pareço mais forte.	Viver = ser habitualmente	Vives tão sozinha.
Permanecer = ser permanentemente	Permaneço firme.	Servir de = ser ingenuamente	Não sirva de palhaço.
Continuar = ser seguidamente	Continuas indiferente.	Passar por = ser indebitamente	Passava por sábio.

Fonte: Macambira (1997, p.148).

Esse quadro reforça a ideia de que esses verbos podem veicular várias noções semânticas e, por não serem usados em livre alternativa, não devem ser considerados como meros elementos de ligação sintática, nem vazios de significação própria, ou apenas para “portar” morfemas de modo, tempo, pessoa e número”.

Na prática, os VIs essenciais têm semântica, mas uma semântica aspectual, como em (13) abaixo:

- 13) a. O João é bonito.
 b. *O João é gripado.
 c. O João está de saco cheio.
 d. *Câncer está meu signo.

Esse fato corrobora a ideia de que os VIs constituem a função de predicado da sentença - SV com funções semânticas aspectuais; o predicativo constitui-se como o predador, com a função semântica de atribuir papel temático ao sujeito; tanto é que as agramaticalidades de (13) não são decorrentes por parte do predicativo.

Quanto aos VIs acidentais, há que se observar a diátese verbal, atente-se para o caso do verbo *virar* abaixo:

- 14) a. O vento virou a canoa.
 b. A canoa virou.
 c. A moça virou freira.

(14) mostra o verbo *virar* com três diátesses: (i) transitiva canônica em (14a); (ii) intransitivo em (14b) (inacusativo) e (iii) diátese predicativa em (14c).

Entender as relações acima ajuda o aluno a compreender que o predicativo pode assumir a posição de sujeito, empreendendo informações discursivas diferentes, como em (15) abaixo:

- 15) a. Bonito é o João, eu sou linda.

b. Gripado “tá” o João, eu “tô” é morta!

Essas relações também ajudam a explicar o porquê de a concordância com VIs apresentarem uma enorme variedade de possibilidades; se o aluno se apropria desse conhecimento, essas relações começam a fazer sentido, não apenas decorar; além do fato das estratégias discursivas afetarem a relação textual.

Portanto, compreender a noção de predicado não-verbal é crucial para esse tipo de construção, pois, mesmo que o verbo não seja o predicador, ele carrega semântica aspectual que é crucial para a significação da sentença, como mostram os dados negativos, pois o predicativo por si só não consegue dar gramaticalidade à sentença, é em realidade uma junção necessária.

As sentenças intransitivas, que também remetem ao predicativo do sujeito, apresentam o predicativo em uma relação de predicação secundária, enquanto o verbo constitui-se como predicador primário, como mostra o teste do *apagamento* do predicativo em (16) abaixo,

16) a. A Maria trabalha.

b. A Maria chegou.

c. *A Maria estressada.

Esse grupo também pode apresentar mudança de diátese, como mostrou os hipônimos acidentais de *ser* no quadro III, como em (17) abaixo:

17) a. A Maria anda bonito.

b. A Maria anda bonita.

Uma primeira reflexão gramatical pode ser vista pelo viés da *concordância* – um fator sintático – presente em (17b), mas ausente em (17a). Esse fator morfossintático é uma boa pista para o reconhecimento do predicativo como predicador em (17b), ou seja, é o predicativo que atribui papel temático ao sujeito e, portanto, a diátese do verbo *andar* em (17b) é idêntica à dos VIs. A ambiguidade de *andar* em (17) é ocasionada justamente por conta da diátese verbal: em (17a) o *SN-Maria* é o agente e *bonito* é o modo como ela anda (advérbio), por isso é possível usar sufixos agentivos que comprovem essa agentividade “*andador, andante, andarilho*”, logo, verbo de diátese intransitiva, e (17b) apresenta uma diátese predicativa.

Apesar do teste do apagamento visto em (16), não se pode pensar que o predicativo deva ser simplesmente descartado, como faz a GT ao definir os termos acessórios da oração. Se o predicativo está presente, ele afeta o significado da sentença, como em (18) abaixo, adaptado de Cruz (2017):

18) a. Pedro saiu do show agitado.

b. A Maria saiu do show agitado.

c. A Maria saiu do show agitada.

As situações de (18) descrevem relações semânticas diferentes de acordo com o escopo do predicativo, assim, há ambiguidade em (18a), *agitado* pode estar modificando o termo *show*, ou predicando o sujeito, o predicativo; o que não se vê em (18b) e (18c). O aluno deve ficar atento para desfazer tais ambiguidades no momento da produção textual, como a *clivagem* em (19a) ou fazendo uso da *proforma* em (19b), neste último caso é necessário que o sintagma [*do show*] já deva ter sido enunciado em algum ponto do texto ao qual esteja relacionado.

19) a. Foi [agitado] que o João saiu do show_____.

b. O João saiu [de lá] agitado.

Um ponto muito importante que o professor pode explorar focando intransitivos é a relação do verbo com o sujeito, como em (20) abaixo:

20) a. A Maria parece estressada ~ *A Maria é parecedora.

b. A Maria trabalha estressada ~ A Maria é trabalhadora.

c. A Maria chegou estressada ~ *A Maria é chegada.

Mostrou-se em (3) e (4) que a morfologia ajuda a reconhecer a diferença entre um verbo predicador (20b) e um verbo não predicador (20a), neste último caso uma sentença predicativa. No entanto, o teste morfológico nem sempre vai funcionar, como mostra (20c). (20b) e (20c) são verbos intransitivos, mas a GT não faz distinção semântica desses verbos (ver nota 11), porém, são verbos que atribuem papéis temáticos diferentes a seus argumentos, como mostra (21) abaixo:

21) a. *Uma encomenda trabalha.

b. Minha encomenda chegou toda quebrada.

c. Chegou uma encomenda toda quebrada lá em casa.

(21a) mostra que verbos do tipo *trabalhar*, assim como, *correr*, *caminhar*, *dançar*, *nadar* só aceitam sujeitos agentivos, por isso a morfologia com sufixo agentivo funciona com esses verbos, enquanto verbos do tipo *chegar*, assim como, *sair*, *cair*, *acabar*, *falir* aceitam sujeitos não agentivos, bem como aceitam esse sujeito na posição pré e pós-verbal. A GT não joga com esse conhecimento inato do falante, por isso o aluno tem dificuldade em reconhecer sujeitos pós-verbais, como mostrou a estrofe de Gregório de Matos em (2), todos verbos inacusativos.

Quanto aos processos que envolvem o predicativo do objeto, é preciso estar atento principalmente às duas funções sintáticas que estão em jogo: *adjunto adnominal* e *predicativo*, conforme mostrado em (6), e a fórmula em (7), as operações sintáticas são ferramentas efetivas para essa distinção.

O predicativo do objeto pode ocorrer com uma gama variada de verbos, como a classe dos verbos *opinativos* (*judicativos*), como *achar*, *considerar*, *julgar*, *declarar*, *chamar*, *nomear*, *eleger*, *proclamar*, *designar*, *tornar*; a classe dos verbos *causativos*, como *deixar*, *fazer*, *mandar* e a classe dos verbos *sensitivos*, como *ver*, *ouvir*.

A classe dos *opinativos* são os melhores representantes da predicação primária. Uma primeira evidência que contribui para que o aluno reconheça essas diferenças pode ser vista através do teste do *acarretamento* (um teste semântico), como em (22) abaixo:

22) a. O João acha a Maria bonita.

b. A Maria não é bonita.

c. O João achou a maria.

De maneira bem simples, a análise de (22a) não acarreta (22b) porque a negação da sentença (22a) explícita em (22b) não é contraditória, ou seja, a opinião de João em relação à Maria não é a mesma opinião do enunciador de (22b), por isso a presença do predicativo em (22a) corresponde a uma minioração, o predicativo faz toda a diferença. Compare com (23) abaixo:

23) a. O João encontrou a Maria doente.

b. O João (não) encontrou a Maria.

A possibilidade de negação de (23b) apresenta uma contradição em relação à sentença (23a), *encontrar* e *não encontrar* ao mesmo tempo, por conseguinte, neste caso, há uma relação de acarretamento. Observe que a diátese do verbo não muda, bem diferente do que acontece em (22c) com a ausência do predicativo. Esse tipo de teste ajuda o discente a compreender as relações lógicas que ocorrem na sentença.¹³

Além da evidência do (*não*) *acarretamento* e da *mudança de diátese* que ocorrem nas sentenças com esse tipo de verbo, uma outra boa evidência que pode auxiliar como ferramenta metodológica é o uso do complementador [*que*] em (24) abaixo:

13 – Veja a posição sintática do predicativo no quadro II: o predicativo que ocupa a posição de complemento (12b) implica não acarretamento explicado em (22), por isso ocorre mudança de diátese; o predicativo que ocupa a posição de adjunto (12e) explicado em (23) implica relação de acarretamento, por isso a diátese verbal não muda. Vale um reforço aqui: o predicativo nunca ocorre como adjunto adnominal, vide a fórmula dada em (7).

- 24) a. O João acha [que a Maria é bonita].
 b. *O João encontrou [que a Maria está doente].

Veja que o sentido de (24a) deixa mais claro o sentido *opinativo* de *João* em relação a *Maria*. É importante apontar para os alunos a classe semântica de tais verbos e como a sintaxe organiza essas sentenças, por isso a diferença para o verbo *encontrar*. Assim, independentemente de o predicativo ter escopo sobre o objeto, há relações semânticas diferentes, por isso é importante separar os verbos de classe *opinativa* dos demais. O professor também pode trabalhar *paráfrases* e o aluno vai constatar, por exemplo, que apenas (24b) pode ter uma sentença temporal “*encontrou a Maria quando ela estava doente*” (ver a nota 13).

Uma outra boa testagem para as sentenças opinativas são as *pronominalizações*, como em (25) abaixo, e constatar o escopo do adjetivo.

- O João acha [a Maria bonita]
 25) a. O João acha [ela bonita].
 b. O João [a] acha bonita.
 c. A Maria [se] acha bonita.
 d. *A Maria [se] acha bonito.
 e. A Maria [se] acha.

Nessas sentenças, apenas o *SN-Maria* pode ser *pronominalizado*, seja reflexivo ou não, isso é indício de que o predicativo precisa estar evidente para predicar sobre algum elemento linguístico na sentença; essa presença do predicativo pode ocorrer, inclusive, no contexto discursivo, como (25e). (25e) mostra uma situação bem corriqueira no PB, talvez até mesmo seja uma espécie de expressão idiomática, o predicativo não está presente na sentença, mas o discurso deixa claro que o enunciador da sentença (25e) atribui uma crítica ao sujeito *SN-Maria*, do tipo (26) abaixo:

- 26) a. A Maria se acha muito importante.
 b. A Maria se acha a rainha da cocada preta.
 c. A Maria se acha de ferro.

Construções *ambíguas* também fazem o aluno refletir sobre as correlações entre a estrutura sintática e a estrutura semântica, como (27) abaixo, triplamente ambígua:

- O professor deixou o aluno constrangido na sala.
 27) a. Foi [o aluno constrangido] que o professor deixou na sala. (não a aluna)
 b. O professor, [constrangido], deixou o aluno na sala.
 c. [Quem (que)] o professor deixou constrangido na sala? (resposta: o aluno)
 d. O professor deixou a aluna constrangida.

(27) pode apresentar (i) uma relação de predicação apenas do verbo em relação ao complemento e o adjetivo como *modificador* (adjunto adnominal) [o *aluno constrangido*] interno ao SN, como (27a); pode (ii) indicar que o adjetivo é predicativo do sujeito em (27b), e a pontuação é crucial; ou pode (iii) evidenciar o adjetivo como predicativo do objeto em (27c), colaborado pela evidência da concordância em (27d).

É lógico que o texto vai dar alguma pista da desambiguação (a depender do gênero textual), no entanto, para a produção textual, o aluno tem que encontrar formas para não produzir textos ambíguos, a não ser que este seja o objetivo. Para que isso não aconteça, a manipulação das operações sintáticas é de grande valia. Vale lembrar que nem todos os testes vão funcionar da mesma forma, por isso o uso de três testes diferentes em (27).

Ao aprender a manipular as sentenças constituídas de predicativo, o aluno terá muito mais propriedade para reconhecer sujeitos invertidos, como em (28a); predicativos do sujeito movidos como em (28b); predicativos do objeto concordando com o núcleo (28c); predicativos

formados por preposição (28d); predicativos que demandam informações discursivas a depender do tipo de gênero textual (posição influenciando a significação) (28e) e predicativos em sentenças clássicas (28f):

- 28) a. Compareceram todos atrasados à reunião.
- b. Os alunos ouviam, atenciosos, a explicação do professor.
- c. Os jogadores deixaram a grama do estádio destruída.
- d. Sempre o tiveram por ingrato.
- e. O ministro considerou baixa a inflação do mês passado.
- f. Um fraco rei faz fraca a forte gente. (Camões)

Por fim, vale ressaltar que o predicativo tem outros alcances de escopo¹⁴, para além do que prescreve a GT, como mostra (29) abaixo:

- 29) a. A Maria [bêbada] é um saco. (predica sobre o sujeito numa posição não canônica)
- b. O João tirou uma foto minha [nua]. (predica sobre o adjunto adnominal)
- c. Eu sonhei com a Maria [pelada]. (predica sobre o objeto indireto)
- d. Não saio com você [desarrumada]. (predica sobre o adjunto adverbial)
- e. A Maria parece [minha irmã já [envelhecida]]. (predica sobre outro predicativo)

Esses dados indicam o quão grande pode ser um *corpus* com o qual se pode trabalhar em sala de aula, e essa construção deve ser feita em reciprocidade professor-aluno e discutidas a partir do gênero textual de onde foram encontradas, pois só assim haverá uma relação recíproca texto e reflexão linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar exige pesquisa, reflexão e curiosidade. Ao professor cabe a incumbência principal de despertar a curiosidade no aluno, despertar a perplexidade. Imagina “o aluno descobrir que já sabe gramática”, esse é um fato óbvio, inato ao ser humano que não é lapidado em sala de aula.

O propósito deste texto foi trazer uma contribuição ao ensino de gramática enquanto um fenômeno natural e não como um rótulo que é entregue ao aluno como um manual de mecânica ou outro gênero qualquer. Fazer o aluno testar a sua gramática que o constitui como ser humano para assim compreender uma outra gramática que é a da língua escrita.

O foco no predicativo foi motivado por considerar um bom lugar para que o aluno compreenda as relações de predicação e as construções sintáticas em que podem se inserir dentro do texto. O método negativo e a noção de sintagma são ferramentas fundamentais para qualquer tema de gramática ao qual se queira trabalhar, pois ao dominar essa metodologia o aluno terá muito mais propriedade para adentrar no mundo letrado e “disputar” espaços na sociedade.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO FILHO, H. L. **A posição do predicativo no PB: uma (re)análise dos postulados tradicionais à luz da gramática gerativa**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

¹⁴ - A maioria das GTs defendem que somente com o verbo *chamar* pode ocorrer o predicativo do objeto indireto, como em “O João chamou [a Maria de boba]”.

- CRUZ, R. T. da. A gramática gerativa na escola: o pensar linguisticamente. **Working Paper in Linguistics**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p.111-128, ago./dez. 2017.
- FOLTRAN, M. J. **As construções de predicação secundária no português do Brasil**: aspectos sintáticos e semânticos. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- HONDA, M.; O'NEIL, W. Triggering science formantion capacity through linguistic inquiry. *In*: HALE, K.; KEYSER, S.J. (eds.). **The view from the building 20**: essays in honor of Sylvain Broberger. Cambridge: MIT, 1993. p. 229-256.
- KENEDY, E.; OTHERO, G. de Á. **Para conhecer sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2018.
- KENEDY, E. Possíveis contribuições da linguística gerativa à formação do professor de língua portuguesa. **Revista de Letras**, [s.l.], v. 1, n. 32, p. 72-79, jan./jun. 2013.
- MACAMBIRA, J. R. **A estrutura morfo-sintática do português**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1997.
- MIOTO, C.; FOLTRAN, M. J. A favor de small clauses. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 49, n. 1, p. 11-28, jan./jul. 2007.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F; LOPES, R. E. V. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.
- MIOTO, C.; QUAREZEMIN, S. **Sintaxe do português**. Florianópolis: LLVV/CCE/UFSC, 2011.
- NEGRÃO, E. V.; SCHER, A. P.; VIOTTI, E. de C. A competência linguística. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística I**: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2007.
- NEGRÃO, E. V.; SCHER, A. P.; VIOTTI, E. de C. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. *In*: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2008.
- OLIVEIRA, R. P. de. A linguística sem Chomsky e o método negativo. **Revel**, [s.l.], v. 8, n.14, 2010.
- OLIVEIRA, R. P. de; QUAREZEMIN, S. **Gramáticas na escola**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- TESCARI NETO, A. Constituição sintática, ambiguidade estrutural e aula de português: o lugar da teoria gramatical no ensino e na formação do professor. **Working Papers in Linguistics**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p.129-152, 2017.
- VICENTE, H. G.; PILATI, E. Teoria gerativa e "ensino" de gramática: uma releitura dos parâmetros curriculares nacionais. **Verbum – cadernos de pós-graduação**, [s.l.], n. 2, p. 4-14, 2012.